

O Estado Islâmico e o restabelecimento do Califado

Antônio Celso Alves Pereira¹

Resumo

O presente artigo, após apresentar os fundamentos históricos, teológicos e políticos do Islã, analisa a emergência do chamado Estado Islâmico, traça um quadro comparativo do mesmo com outras organizações terroristas, como a Al Qaeda, e, nessa linha, discute a ação e a inquestionável ameaça do novo Califado não somente sobre as comunidades muçulmanas como, também, sobre a estabilidade política e a segurança do Ocidente.

Palavras-chave: Relações internacionais; estado islâmico; terrorismo.

Abstract

This paper, after presenting historical and political bases of Islam analyzes the emergence of so-called Islamic State, draws a comparison chart of the same with other terrorist organizations such as Al Qaeda, and that line, discusses the action and unquestionable threat of new Caliphate not only about Muslim communities as well as on political stability and security of the West.

Keywords: International relations; islamic state; terrorism.

Introdução

Na vigência do sistema bipolar, conseqüente da emergência dos dois impérios nucleares que dominaram a cena política internacional durante a Guerra Fria, a humanidade vivia sob a ameaça do aniquilamento total por uma possível guerra nuclear entre as duas superpotências. Apesar da acirrada competição entre os blocos capitalista e socialista, o sistema internacional conformado à época expressava algumas certezas político-ideológicas e estratégicas, oriundas de sua composição e natureza. Além disso, as superpotências exerciam controle sobre os Estados membros de seus blocos, principalmente sobre áreas periféricas dos mesmos e, nos instantes de grave crise, como nos sucessos dos mísseis soviéticos em Cuba, em 1962, mantinham abertos canais diplomáticos diretos ou paralelos para negociar e evitar o conflito armado. A Guerra Fria foi um período histórico difícil, de conflitos localizados e realinhamentos forçados no interior de cada bloco, mas, ao cabo, mesmo entre atores dissidentes, como França e China, nos momentos de impasse e de real perigo de guerra entre as superpotências, sabia-se que os citados Estados se realinhariam, movidos pela solidariedade ideológica. O sistema internacional

¹ Professor da Faculdade de Direito da UERJ e reitor da mesma Universidade -1996-2000. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Diretor Geral do Centro de Estudos Superiores de Valença, RJ.

destes anos iniciais do Terceiro Milênio é muito mais complexo. A crise é também permanente, como nos tempos da Guerra Fria. Contudo, além de não ter cessado o perigo nuclear, outros complicadores ameaçam a paz e a segurança internacionais: a economia mundial ainda não se recuperou totalmente da crise de 2008; os Estados Unidos, apesar de seu tremendo poder militar, não conseguiram impor uma *Pax Americana*; potências regionais se unem em grupos contra-hegemônicos e a famosa previsão sobre o despertar da China, apresentada por Napoleão a William Pitt, Lord Amherst, que o visitou em Santa Helena, quando retornava de sua missão diplomática na China, se confirmou: “Quando a China despertar o mundo tremerá”. Notícia recente, divulgada na mídia internacional no dia 18/05/2015² informa que a China resolveu ampliar sua capacidade militar nuclear com a construção de mísseis de longo alcance, capazes de conduzir múltiplas ogivas nucleares, fato que pode escalar uma nova corrida armamentista e trazer novas ameaças no contexto da competição que o país mantém com os Estados Unidos no Pacífico. Agravando tudo, a humanidade enfrenta o aquecimento global e as consequentes transformações climáticas e, além disso, uma nova onda migratória, desta feita oriunda das áreas miseráveis do mundo, principalmente em direção à Europa mediterrânea, impulsionada pela pobreza absoluta e por conflitos tribais ou religiosos, constitui uma grande tragédia humana transmitida ao vivo pela televisão; nessa mesma linha, uma guerra atípica, contra o terrorismo internacional, de cunho político-religioso e juridicamente indeterminado, pois nada tem a ver com o conceito clássico de guerra, contra um inimigo que pode estar em toda a parte, surpreender em cada rua e esquina, enfim, disseminar o terror. Vivemos, como diz um verso de Drummond, “dançando o baile do medo”. A ação terrorista nos tempos atuais é uma forma de guerra assimétrica, de forte conotação religiosa e que tem, na maioria dos casos, como fundo político-histórico, projetos tribais e nacionais até hoje frustrados, como a secular crise israelense-palestina, os dramas curdo e chechênio, entre outros.

Voltando à complexidade do atual sistema internacional, devemos realçar o fracasso das políticas de contraproliferação nuclear, a posse de armas atômicas por Estados como a Coréia do Norte e o Paquistão, a possibilidade do Irã desenvolver programa nuclear com finalidade militar e, sobretudo, pela ameaça de armas dessa natureza cair em mãos de grupos terroristas como a Al-Qaeda, ou o recém-criado Estado Islâmico.

A pauta da mídia internacional e a preocupação das lideranças mundiais, bem como a atenção de todas as pessoas e entidades que se afligem com os crimes que vêm sendo perpetrados pelo terrorismo internacional nas últimas décadas, desde 2014, se perguntam como uma organização armada – o autoproclamado Estado Islâmico – até então publicamente desconhecida, ou conhecida pelos principais órgãos de segurança e inteligência do mundo, porém, erradamente avaliada, pôde se transformar na mais grave ameaça à segurança nacional dos países não só do Ocidente como dos próprios Estados muçulmanos, desde o surgimento da Al-

² Ver *O Globo, Caderno Mundo*, edição de 18/05/2013, p. 22.

Qaeda. Governado por um novo e autodenominado Califa, proclama a legitimidade de suas ações criminosas recorrendo às mais violentas interpretações do Alcorão. O rápido sucesso do Estado Islâmico e o fascínio que o restabelecimento do Califado vem exercendo sobre as massas muçumanas, principalmente entre os milhões que vivem nos campos de refugiados do Oriente Médio, é consequência, entre outros fatores, do tratamento injusto a que são submetidos pelos governos corruptos dos próprios Estados muçumanos da região, vistos estes, pelos radicais islâmicos, como aliados dos “cruzados” do Ocidente e desviados dos corretos caminhos traçados pelo Profeta. Dispondo de consideráveis recursos financeiros e demonstrando completo domínio das modernas tecnologias da informação, entrando os lares muçumanos de todo o mundo e nos campos de refugiados pela televisão e pela internet, o Estado Islâmico promove competente proselitismo, pregando a unificação do mundo muçulmano e a volta da visão de mundo que levou à expansão da religião criada pelo Profeta Maomé, a partir do século VII.

Este artigo para melhor desenvolvimento do tema, compreensão e análise dos elementos que propiciaram a criação do Estado Islâmico, está dividido em três momentos: de início, vamos tratar dos fundamentos históricos, teológicos e políticos do Islã; em seguida, analisar o processo de criação do Estado Islâmico e do novo Califado, destacando suas características ideológicas, seus objetivos político-religiosos e econômicos, suas diferenças em relação aos outros grupos terroristas, principalmente a Al-Qaeda, destacando, ao mesmo tempo, suas pretensões de retroceder a história, isto é, retomar o processo de expansão do Islã no modelo ensinado e praticado pelo Profeta e executado pelos seus quatro primeiros sucessores, Abu Bakr, Omar, Utman e Ali os chamados *rashidun*, ou seja, “califas probos”, porque “viveram uma vida justa e lutaram pela causa de Deus”. Feito isso, apresentarei as conclusões. Vamos, então, ao primeiro ponto.

Fundamentos históricos, teológicos e políticos do Islã.

A palavra Islã, no idioma árabe, significa *submissão, rendição, entrega*. O fundador do islamismo, o profeta Maomé, criou o termo a partir de *salaam*,³ que quer dizer “paz” em árabe. Seu objetivo era expressar, sob o prisma religioso, a ideia de total submissão à vontade de Deus e, sob o ponto de vista social e político, um novo modo de vida e uma nova forma de organização do Estado, neste caso, conformando uma comunidade teocrática unificada, a *umma*,⁴ vivendo em paz no estrito respeito à palavra de Deus, que lhe fora revelada e, desde então, expressa no Alcorão. Os biógrafos do Profeta registram que a sua preocupação com a paz derivava do caos social e político então existente na Península Arábica – primeira

³ Palavra semítica que tem como cognato no hebraico o termo *shalom*.

⁴ *Umma*, em árabe, *nação, comunidade*, expressa, no Islã, a comunidade muçumana em todo o mundo. Não importa a diferenciação de seus membros, ou seja, língua, etnia, gênero e posição social do crente em Alá, em Maomé, enfim, em todos os mandamentos contidos no Alcorão e nos comentários, exemplos e demais ensinamentos do Profeta reunidos pelos sábios muçumanos e consolidados nas chamadas *ahadith* e não incluídos no Alcorão.

Meca, nos tempos pré-islâmicos, sediava um importante santuário, administrado pela tribo dos coraixitas, para o qual convergiam peregrinos de toda a Arábia. Denominado *Caaba* (Casa de Deus), guardava a Pedra Negra, objeto sagrado que, segundo a tradição, teria sido entregue pelo anjo Gabriel a Abraão, que reconstruía o santuário, uma vez que a sua primeira versão, construída por Adão, logo após sua expulsão do Paraíso, teria sido destruída pelo Dilúvio. Antes do islamismo, esse santuário guardava uma séria de ídolos e representações de deuses e deusas, entre os quais o mais poderoso, Alá, que era adorado como divindade suprema, pai e parente dos outros deuses e deusas, porém, não tinha a natureza, a unicidade, que, posteriormente, lhe foi atribuída pelo Alcorão. Vale assinalar que a *Caaba* é hoje o maior santuário do mundo islâmico e está dentro da Grande Mesquita de Meca. Os muçulmanos devem guardar os cinco pilares de sua fé, listados no Alcorão, entre eles, o quinto, *Peregrinação a Meca*, que todo muçulmano, desde que reúna condições físicas e materiais para realizá-la, deve fazê-la, pelo menos uma vez na vida, no décimo segundo mês do ano do calendário islâmico. Os outros quatro pilares são: 1) *Fé*, que se expressa na repetição da sentença “não há Deus senão Alá” – esta Sura,¹⁰ foi tirada diretamente da Bíblia, repete o que está em Isaías, 4:5 “*Eu sou Javé, e não existe outro; fora de mim não existe deus algum*”. O Alcorão acrescentou “*e Maomé é o seu mensageiro*”; (Sura 33:40);. 2) *Orar*, voltado para Meca, cinco vezes por dia. (Sura 2:144); 3) *Praticar Caridade*; (Sura 24:56); e 4) *Jejum*, especialmente durante a celebração do Ramadã (Sura 2:183-185).

Além da importância religiosa, Meca tinha grande relevância comercial, pelo fato de se constituir em posto de abastecimento de água para as caravanas que se dirigiram ao Iêmen, Egito, Síria e Mesopotâmia e de situar-se apenas 80 km do Mar Vermelho. Comerciantes residentes em Meca, como a viúva que seria a primeira mulher do Profeta, possuíam grandes caravanas, que venciam o deserto com a colaboração de beduínos ligados aos comerciantes por contratos de proteção. Intermediando negócios entre gregos, palestinos, egípcios, persas e abissínios, os comerciantes de Meca “desempenhavam não só um papel de mercadores, mas, também, papel político, devido ao seu poder econômico e às suas relações”.¹¹

Na sociedade tribal da Arábia, a família do Profeta pertencia ao clã hachemita, grupo social integrado na tribo dos coraixitas. Segundo seus biógrafos, seu pai falecera antes do seu nascimento e lhe deixara como herança cinco camelos e uma escrava. Aos seis anos, Maomé perdeu a mãe e foi morar com o avô paterno, que dois anos após morreria. Passou, então, à tutela de seu tio Abu Talib, chefe do clã, pai de Ali, primo e companheiro de Maomé, que, mais tarde, seria seu fiel discípulo, genro e causador da divisão do Islã em sunitas e xiitas, como se verá adiante. Pouco se conhece da juventude do Profeta, apenas que foi pastor. Não se tem certeza se sabia ler ou escrever e quais teriam sido suas práticas religiosas na sociedade politeísta em que vivia. Pelo que realizou, a forma como conseguiu se impor junto às tribos da Península Arábica, e como comerciante proprietário de

¹⁰ *Sura* ou *Surata* são termos que expressam os capítulos do Alcorão.

¹¹ MANTRAN, op. cit. p. 55.

caravanas, parece que sabia ler e escrever e era dotado de altas qualidades pessoais e intelectuais. Estudiosos do Islã, como o francês Robert Mantran, afirmam que Maomé, antes de tornar-se líder religioso e governante, mereceu a consideração de seus concidadãos, “pelos quais teria sido alcunhado de *al-amim*, “o homem seguro”.¹² Aos 20 anos foi escolhido por uma rica viúva de dois casamentos, residente em Meca, Cadidja, para cuidar de seus negócios e acompanhar suas caravanas à Síria. Deu-se tão bem que com ela se casou aos 25 anos de idade, em 595. Cadidja, nessa altura, tinha 40 anos. Enquanto viveu, ela foi sua única mulher. Deu-lhe sete filhos, 3 meninos, mortos em tenra idade, e 4 filhas. Ela morreu em 619 e, pela tradição islâmica, é considerada “mulher perfeita” ao lado de Maria, mãe de Jesus e de Mirian, irmã de Moisés.

Não abandonando totalmente as atividades comerciais, Maomé, segundo seus biógrafos, desiludido com o materialismo reinante em sua cidade, insatisfeito com a forma como órfãos, pobres e viúvas eram excluídos da sociedade, gradativamente se entregava a experiências místicas, retiros piedosos, jejuns e meditações em cavernas existentes nos arredores de Meca. Conforme a tradição islâmica, no ano de 610, quando meditava numa caverna do Monte Hira, recebeu a visita do arcanjo Gabriel (*Jibril*), que o chamou “apóstolo de Alá” e, a partir daí, ditou-lhe a palavra de Deus até a sua morte, em 632, isto é, a revelação propriamente dita – *tanzil* – que conformaria o Alcorão; ao mesmo tempo o anjo também lhe transmitiu uma inspiração – *ilman* – a mesma que Alá depositou no coração de todos os profetas que o antecederam, ou seja, a forma de dirigir a própria conduta e a de seus fiéis. Estes sucessos deixaram Maomé transtornado. Sua mulher o reconfortou e o levou a um primo, Waraqa, muito provavelmente um cristão nestoriano, que lhe ajudou a interpretar a revelação divina, comparando-a às experiências vividas pelos profetas do judaísmo e do cristianismo. Com o apoio de Cadidja, Maomé, de início, formou um pequeno grupo de seguidores composto, além da mulher, por Abu Bakr, futuro sogro, e os futuros genros, os primos Ali Talib e Utman, fervorosos adeptos à sua pregação. Em seguida, começou a pregar em público e a ganhar adeptos. A palavra de Maomé foi, de início, recebida por sua própria tribo, os coraixitas, com ceticismo. Na medida em que o proselitismo crescia entre os outros clãs e tribos, e que a adesão da massa pobre e dos escravos tornava-se realidade, nasceu forte oposição por parte dos coraixitas, que, como guardiões da *Caaba*, recusavam o monoteísmo da pregação de Maomé, considerando que suas palavras e ações estavam voltadas não somente para o aspecto religioso, ao buscar a erradicação do politeísmo tradicional, como também indicavam a necessidade da construção de novas bases sociais, de superação das questões tribais e da emergência de uma Arábia unida pela palavra de Deus, constituindo a *umma*, comunidade de fiéis seguidores da Alá, Deus único. Maomé passa a atacar os ídólatras e concentra suas críticas sociais na situação econômica de Meca. A partir de 615, as forças econômicas e religiosas de Meca resolveram intensificar as perseguições aos adeptos da nova fé. Diante disso, Maomé viu-se obrigado a emigrar para Yatrib, local onde se desenvolveria a fase decisiva de sua vida. Partiu

¹² *Ibidem*, p. 59.

no dia 20 de junho de 622, para a cidade que seria chamada de *Madinat al-nabi*, Medina, a cidade do Profeta. Este acontecimento, chamado Hégira (emigração) tornou-se o marco inicial do calendário muçulmano. Procurando apoio das comunidades judaicas de Yatrib, com as quais celebrou um acordo de convivência, Maomé, além de adotar práticas religiosas das Escrituras, ordenou a todos que se sujeitavam a Alá, os *muslim*, que fizessem suas orações diárias voltados para Jerusalém. Maomé torna-se senhor absoluto e governante teocrático da cidade, elimina as estruturas tribais, organiza sua comunidade de crentes, exigindo juramento de fidelidade e submissão total à sua autoridade de apóstolo de Deus. O Islã seria não apenas uma religião, mas uma fraternidade. Algumas práticas pré-islâmicas foram conservadas, notadamente em matéria de propriedade, casamento e relações entre os membros de uma mesma tribo.¹³ Considerando a influência das Escrituras na pregação do Profeta, judeus e cristãos avaliaram, de início, a mensagem de Maomé como uma seita que reunia ensinamentos extraídos do judaísmo e do cristianismo. Maomé precisava consolidar seu poder político-religioso em Medina, para, posteriormente, estendê-lo a Meca e a toda a Arábia. Levando em conta o fato de que os núcleos judaicos participavam ativamente da vida política das principais cidades da Arábia, Maomé temia uma aliança destes com as elites governantes de Meca. Além disso, os acusava de desvio religioso, por não aceitarem a oportunidade que ele lhes oferecia de reencontrar a verdadeira palavra de Deus. Começou, então, uma queda de braço com os judeus, os quais, por sua vez, o acusavam de total divórcio dos mandamentos das Escrituras. Em suas pregações, Maomé afirmava que se devia destinar a mesma consideração religiosa, tratar no mesmo nível, Moisés, João Batista e Jesus. Segundo Robert Mantran, já citado, a comunidade judaica talvez nutrisse a esperança de convertê-lo ao judaísmo; da mesma forma, ele esperava a convertê-los ao Islã. Veio então o rompimento. Os judeus que formavam o grupo chamado *banu nadhir* foram expulsos de Medina e obrigados a deixar todos os seus bens e armas. Maomé logo começaria a enfrentar problemas de ordem material. Os numerosos emigrantes que chegavam a Medina eram pobres, carentes de tudo. Para resolver o problema, ele autorizou o saque das caravanas dos comerciantes de Meca que se dirigiam à Síria.¹⁴ Medina estava na rota das caravanas e atacá-las foi a solução para alimentar a massa faminta. Os governantes de Meca concluíram que era o momento de liquidar com a rebeldia de Maomé. Reunindo uma grande coalizão, em março de 627, as tropas de Meca cercaram Medina. Maomé resistiu e a medida fracassou. O fato foi visto pelo povo como prova de que Alá o apoiava. A partir desse acontecimento, ele resolveu exterminar, em Medina, qualquer possibilidade de contestação à sua autoridade político-religiosa. Temendo uma possível revolta de outro grupo judeu que vivia na cidade, ordenou a eliminação de todos os homens da comunidade judaica *banu corayza* e a redução das mulheres e crianças judias à escravidão. Determinou, em seguida, que as orações diárias seriam realizadas pelos crentes não mais voltados para Jerusalém, mas na direção de Meca. Após uma séria de batalhas com as tropas de Meca e de vitórias de suas forças, Maomé,

¹³ MANTRAN, op. cit. p. 65.

¹⁴ MANTRAN, op. cit. p. 66.

reuniu um exército de 10 mil homens e marchou contra Meca. Entrou na cidade em 11 de janeiro de 630. Quando retornou a Medina, em 632, doente, ele havia conseguido consolidar o poder islâmico, unir quase todas as tribos árabes, e lançar as bases para a expansão do Islã. Morreu em 8 de junho de 632.

A revelação recebida por Maomé não foi gravada em livro durante sua vida. Nas noites do Ramadã ele ditava as mensagens divinas a um grupo de escreventes, provavelmente cultos, que as anotava em pergaminhos e outros materiais. Logo após a sua morte, o primeiro califa, Abu Bakr, teria ordenado o início da compilação do Alcorão. Há divergências sobre a época em que o Livro foi definitivamente publicado. Alguns biógrafos do Profeta apontam que foi no califado de Omar, entre 634 e 644. Outros afirmam que foi no califado de Otman, em 653, ocasião em que o antigo secretário do Profeta, Zayd ibn Thabit teria completado o trabalho.

O Alcorão, ou simplesmente Corão, do árabe *Quran*, termo que significa “recitação”, expressa a palavra de Alá, revelada ao Profeta. Descreve as origens do Universo, as relações entre a humanidade e o seu Criador, aponta ao crente os princípios norteadores da vida social e política, da moral e da ética, da economia, do direito (*sharia*) e da ciência. O Alcorão divide-se em 114 capítulos, chamados *suras* ou *suratas*, e estes em versículos. Todos os aspectos da vida do muçulmano, suas necessidades diárias, espirituais ou materiais, sexuais e familiares, estão contemplados no Alcorão e na *Sunna*, palavra árabe que significa “caminhos trilhados”. A *Sunna* resulta da compilação das tradições, hábitos, exemplos, dizeres e práticas religiosas do Profeta, que não constam do Alcorão e que foram registrados para a posteridade por seus familiares e companheiros da primeira hora. Assim, o Alcorão é palavra de Deus; a *Sunna*, a palavra de Maomé, como indivíduo. A interpretação e os comentários dessa tradição pelos sábios muçulmanos formam as chamadas *ahadith*.

Quando morreu, em 632, a religião e o Estado teocrático que Maomé construíra estava ameaçado de dissolução pelos antagonismos e ambições de seus pretendentes herdeiros. Ele não deixara recomendações ou diretrizes à sua sucessão. Não tinha filho varão. Casou-se com 16 mulheres, sendo que só uma, Aysha, filha de Abu Bakr, era solteira. Todas as outras eram viúvas e se uniram ao Profeta em consequência de acordos políticos ou conveniências familiares, isto é, algumas delas eram viúvas de parentes mortos em batalhas travadas na fase de emergência do Islã. É interessante salientar que o Alcorão fixa em quatro o número de esposas para o crente. A morte do Profeta levou seus familiares e companheiros diletos à disputa por sua herança política e religiosa. Ali Talib, primo e casado com Fátima, filha de Maomé com Cadidja, proclamou-se herdeiro legítimo, por ser parente de sangue do Profeta. Contudo, um rápido acordo entre os outros membros da família e companheiros do círculo íntimo de Maomé elegeu Abu Bakr califa, palavra árabe que significa “sucessor do enviado de Alá”. O novo governante teocrático, talvez com o objetivo de manter a *umma* coesa, iniciou o empreendimento das conquistas exteriores, anteriormente planejado pelo Profeta, cujo objetivo, de início, era pilhar os territórios vizinhos e, se fosse possível, incorporá-los.¹⁵ Como a iniciativa encontrou fraca resistência e, de um

¹⁵ PERROY, Edouard. *A Idade Média - A Expansão do Oriente e o Nascimento da Civilização*

modo geral, recebeu apoio das populações nativas, que sofriam sob a opressão dos Impérios Persa e Bizantino, o expediente transformou-se na bem sucedida empresa de expansão do Islã, que teve início, em 633, e continuou sob os três califas sucessores de Maomé: Abu Bakr: Omar, 634/644, Utman, 644-656 e Ali, 656/661. As conquistas foram surpreendentemente rápidas e constituíram a primeira fase do processo de construção do Império Islâmico. Como destacou Edward Gibbon “quando os árabes saíram do deserto pela primeira vez, devem ter ficado surpresos com a facilidade e rapidez de seu próprio êxito”.¹⁶ Sobre o assunto vale lembrar que os impérios contra os quais os quatro primeiros califas fizeram guerras de conquista, o Persa Sassânida e o Bizantino, tradicionais inimigos, a longa sequência de guerras que travaram acabou por enfraquecê-los e facilitar a conquista islâmica de considerável parte dos seus territórios.¹⁷ A Síria foi conquistada em 636; o Iraque, em 637; O Egito entre 639 e 642 e a Pérsia em 651. É também surpreendente o fato de que essas conquistas ocorreram em uma época de grande turbulência interna no Islã, disputas pelo poder e assassinato de três califas: Omar foi assassinado por um cristão persa em 644; Utman, odiado pelo povo, acusado de nepotismo e corrupção, foi morto por populares que invadiram sua casa; e, por último, Ali, quando orava na mesquita, foi assassinado, em 661, com um golpe de espada envenenada na cabeça, desferido por um membro da primeira dissidência aberta no Islã, os carijitas, assim chamados porque o termo significa “os que cindiram”.

A ascensão de Ali à chefia do Islã foi contestada, desde o início, pelos partidários de Muawiyah, governador da Síria, anteriormente nomeado por Utman e destituído por Ali. Formou-se em torno do Califa uma corrente política, *Shī'ah*, o partido de Ali, que defendia a sucessão por direito hereditário dos descendentes diretos de Maomé. Ali, como já mencionei, era primo e casado Fátima, filha de Maomé. Muawiyah era parente indireto do Profeta, de família coraixita que, durante dez anos, lutara intensamente contra Maomé e somente a ele aderiu quando não havia mais possibilidades de derrubá-lo. Como Ali se negava a punir os assassinos do califa Utman, Muawiyah se rebelou. Ali marchou com seu exército para Damasco para destituir o governador rebelde. Deu-se, então, a batalha de Siffin, que acabou inconclusiva, razão pela qual as partes acordaram uma trégua, medida que levou os carijistas, aliados de Ali, a deixar o seu partido e, em seguida, assassiná-lo. Muawiyah apresentou-se à sucessão de Ali. O filho deste, Hassan, chegou a assumir o califado, mas, para evitar a continuidade da guerra civil, assinou um tratado de paz com Muawiyah e se retirou para Medina. No tratado ficou acertado que Muawiyah assumiria o califado e, após a sua morte, a chefia político-religiosa do Islã voltaria a Hassan e, na falta deste, a seu irmão Hussein. Muawiyah não cumpriu o trato e nomeou o filho Yazid seu sucessor, convertendo o califado numa monarquia centralizada. A

Occidental. In: História Geral das Civilizações. Tomo III, 1º Volume, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958, p. 100/101.

¹⁶ Ver WHEATCROFT, Andrew. *Inféris – O Conflito entre a Cristandade e o Islã – 638-2002*. Tradução de Marcos José Cunha. Rio de Janeiro: IMAGO, 2004, p. 72.

¹⁷ Ver, sobre o tema, KINSSINGER, Henry. *Ordem Mundial*. Tradução de Claudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 103.

nova dinastia, os Omíadas, levou para Damasco a capital do Califado. Hassan foi envenenado por uma de suas esposas, cumprindo ordens de Muawiyah. Hussein foi massacrado, em Karbala, por Yazid, herdeiro presuntivo de Muawiyah e futuro Califa. Até hoje, os xiitas, todos os anos, durante 10 dias, comemoram no santuário de Hussein o seu sacrifício. Realizam o chamado ritual da *Ashura*, ocasião em que os crentes se autoflagelam com violência. A partir desses eventos, o Islã se dividiria, definitivamente, em três grandes correntes, motivadas por visões conflitantes sobre a sucessão do Profeta; xiitas e sunitas e carijistas; os primeiros não aceitaram a sucessão no califado fora da descendência direta do Profeta, pois acreditavam que somente estes teriam a aprovação de Alá; entre os xiitas, desde o século XIII, persiste a chamada “corrente dos 12 Imãs”,¹⁸ ou *imamitas*, composta pelos crentes que, até hoje, aguardam o seu Messias, chamado Muhammad al-Mahdi, o Imã Oculto, ou 12º Imã. Trata-se de uma profecia medieval, do século XIII, de plena aceitação no Irã atual, segundo a qual o 12º Imã está escondido e, em um momento antes do fim do Mundo, reaparecerá acompanhado do Profeta Isa (Jesus), e promoverá a paz universal. Ele é um ser especial, completamente sem erro ou pecado, descendente direto de Maomé, por Ali, o primeiro Imã, e último “Califa bem guiado”. Ele seria filho do 11º Imã, Hasan al-Askari e desapareceu, no século XIII, quando tinha 6 anos. Contrariamente, os sunitas, quando da sucessão de Maomé, apoiavam a escolha do Califa mediante eleição pela comunidade muçulmana. Acreditavam – e até hoje acreditam – que todos os problemas podem ser resolvidos recorrendo ao Alcorão e à *Sunna*, porém, defendem posições políticas e religiosas com pragmatismo, fato que propicia uma interpretação mais flexível dos textos sagrados. A terceira corrente, de fato, a primeira dissidência no Islã, os carijistas, acreditavam que qualquer homem, até mesmo um escravo, poderia ser eleito califa, desde que reunisse um elevado caráter moral e religioso. A ideologia carijista não prosperou. Subdividiu-se em vários grupos e em vários países islâmicos. Sobrevive, hoje, no grupo dos ibaditas, que compreende a maioria dos muçulmanos do Sultanato de Omã. Como é do conhecimento geral, os muçulmanos compreendem hoje cerca de 1 bilhão e 500 milhões de crentes, correspondendo a 23% da população mundial. O Islã é uma das religiões que mais crescem no mundo. Nessa totalidade, os xiitas representam 16% do total de islâmicos dispersados em vários Estados, constituindo no Irã 94% da população, 66% no Iraque, 85% no Azerbaijão, 45% no Iêmen, 44% no Líbano, citando os países onde há concentração de seus adeptos. Os sunitas formam o campo majoritário do Islã, com cerca mais de 80% de seguidores, e, além disso, comporta correntes ultra-radicais e ideologicamente muito próximas: o wahabismo, dominante na Arábia Saudita; o salafismo, também presente no reino Saudita, no Catar e nos Emirados Árabes Unidos; e os chamados sunitas deobandi,

¹⁸ Imã, em árabe, significa “aquele que guia”. No islamismo a expressão aparece em três sentidos: para a corrente *Xiita dos 12*, os chamados imamitas, expressa o título que foi dado aos descendentes do Califa Ali. Firmados em sua dissidência, os imamitas do Irã afirmam que onze imãs sucederam a Maomé. O décimo segundo, desde o século XIII, é apontado como “oculto” e aparecerá no momento oportuno. No Irã, ainda hoje, o 12º Imã é esperado. Entre os sunitas o título de “imã” é atribuído paralelamente ao título de Califa. O termo pode ainda ser atribuído ao pregador do culto islâmico.

dominantes no Afeganistão, corrente político-religiosa que congrega os Talibãs. Tais correntes são antimodernistas, antiocidentais e anti xiitas, defendem a eliminação das práticas consideradas não-islâmicas e a volta do islamismo aos padrões religiosos e políticos dos tempos do Profeta. O wahabismo quer a volta do purismo religioso, a rigorosa aplicação da *sharia* como instrumento legal para extirpar do Islã as práticas que o teriam contaminado e afastado de suas origens. É um movimento ultraconservador e considerado fundamentalista, como o salafismo. Este expressa uma resposta à influência ocidental no mundo islâmico e está associado à corrente *jihadista*. Além disso, demoniza a democracia, o secularismo e o capitalismo, quer o retorno à pureza doutrinária e ao modo de vida islâmico do século VII. O wahabismo e o salafismo influenciaram a criação da Irmandade Muçulmana, da Al Qaeda e o Estado Islâmico. A monarquia saudita, dispondo de uma enorme liquidez financeira, como reação a uma possível exportação pelo governo iraniano do seu xiismo radical, principalmente após a Revolução Iraniana de 1979, resolveu exportar o seu radicalismo wahabista não só para os países muçulmanos, como também para os principais Estados do Ocidente. Para tanto, nas últimas décadas, construiu mesquitas, colégios, escolas voltadas à educação infantil e numerosas *madrassas*,¹⁹ em vários países islâmicos e nas principais cidades do Ocidente, além do patrocínio de edições de livros e material de divulgação do Islã. Este esforço wahabista só passou a ser percebido após os atentados de 11 de setembro de 2001, crime absurdo cometido por um grupo de terroristas da Al-Qaeda, composto, em sua maioria, por indivíduos de origem saudita.

O *sufismo*, odiado e perseguido pelas lideranças religiosas conservadoras, não constitui, propriamente, uma corrente dentro do islamismo. Trata-se de uma filosofia, um belíssimo movimento místico e contemplativo do Islã, congregando xiitas e sunitas, embora estes últimos em maior número. Recorre, em sua busca de um profundo conhecimento dos caminhos que levam a Deus, à música, à dança, aos cânticos e à poesia.

Para completar essas notas sobre o processo de construção do islamismo, devemos salientar que após a dinastia Omíada, despachada do poder, no ano 750, pelos Abássidas, que elegeram Bagdá como capital da nova dinastia, a expansão do Islã atingiu as províncias asiáticas e africanas do Império Bizantino, a Espanha, onde os Omíadas de Córdoba declaram-se califas, a Sicília, e alcançava a Índia. Foi um período de florescimento cultural, eruditos árabes estabeleceram uma espécie de ponte com a cultura da Grécia antiga, além de traduzirem, para o árabe, textos gregos e latinos, reintroduziram Aristóteles na Europa, trouxeram para o Ocidente os algarismos arábicos e, da Índia, número zero. Em 1258 os mongóis tomaram Bagdá e liquidaram com Abássidas. Em 1299 os turcos otomanos criaram seu Estado, tomaram Constantinopla em 1453 e, em 1517, o sultão Selim I proclamou-se califa e protetor do Islã. O califado, inaugurado pelo

¹⁹ *Madrassa*, na língua árabe, originalmente, significava escola, religiosa ou não. No Ocidente passou a nomear escola corânica, local de ensino da língua árabe, da lei islâmica (*charia*), das tradições que compõem as *ahadith*, bem como a história do Islã e, evidentemente, estudo aprofundado do Alcorão.

sogro de Maomé, Abu Bakr, em 632, foi extinto em 3 de março de 1924, com o fim do Império Otomano. Agora, o terrorista Abu Bakr al-Baghdadi, que se diz descendente do Profeta, tenta reconstruí-lo e criar um Estado inspirado no Islã dos primeiros tempos.

A Criação do Estado Islâmico e o Novo Califado

Em 2009, o hoje autoproclamado califa, Abu Bakr al-Baghdadi, quando foi solto do *Centro de Detenção Ronald P. Bucca*, que os Estados Unidos mantêm no Iraque, e que recebe este nome em homenagem ao chefe do Corpo de Bombeiros de Nova York, que morreu heroicamente quando prestava assistência às vítimas do ataque às Torres Gêmeas, em 2001, seus carcereiros certamente só agora entenderam a despedida que eles lhes dirigiu: “Vejo vocês em Nova York”. O fato demonstra como fracassou a política de contraterrorismo que os norte-americanos passaram a executar, a partir da desastrosa invasão do Iraque pelo governo George Bush. Nascido em 1971 em Samara, ao norte de Bagdá, Abu Bakr al-Baghdadi teria entrado para a insurreição no Iraque pouco depois da invasão liderada pelos Estados Unidos, em 2003, e teria passado quatro anos em um campo de detenção americano. Seu nome de nascimento é Awwad Ibrahim Ali al-Badri al-Samarrai. Tem hoje 43 ou 44 anos, e começou sua carreira como pregador do sunismo salafista. As forças americanas tinham anunciado a morte de Abu

42 Duaa - um dos pseudônimos de Bagdadi - em um ataque aéreo na fronteira com a Síria. Isto mostra como as forças de segurança dos Estados Unidos ignoravam completamente quem era o verdadeiro al-Baghdadi. Ele foi anteriormente preso quando fazia parte da organização terrorista Tawhid wal-Jihad, liderada por Abu Musab al-Zarqawi, o *jihadista* que liderava a Al-Qaeda no Iraque. Após a morte de al-Zarqawi, em 2006, este grupo terrorista passou a se chamar Estado Islâmico do Iraque. Em 2010, al-Baghdadi tornou-se seu líder e, em 2013, fundiu-se com o grupo terrorista *Frente Jabhat al-Nursa*, organização jihadista síria filiada à Al-Qaeda, e mudou seu nome para Estado Islâmico do Iraque e do Levante – *al-Sham*. Em junho de 2014, a organização passou a denominar-se simplesmente Estado Islâmico, que os norte-americanos chamam de Estado Islâmico do Iraque e da Síria – ISIS. A organização terrorista de al-Baghdadi, de forma surpreendente, avançou em conquistas territoriais no Iraque e na Síria, adotando ação política e militar completamente diferente da Al-Qaeda e de outros grupos terroristas islâmicos, ao criar um Califado e montar uma competente estrutura de expansão, com base territorial, explorando o conflito sírio e disseminando no Oriente Médio uma eficiente mensagem política, consubstanciada na promessa de uma nova época áurea do Islã sunita e da volta do Profeta na pessoa do novo Califa. Apesar de sua característica retrograda, o Estado Islâmico, de forma inteligente, utiliza eficientemente as mais modernas técnicas de propaganda, divulgando seus feitos pelas redes sociais e pela televisão, espetáculos de violência e sadismo, como se deu com a degola dos jornalistas americanos James Foley, que fora mantido

refém por quase dois anos após a sua captura na Síria, em novembro de 2012, e de Steven Sotloff, além dos voluntários britânicos que estavam na região em missão humanitária, David Himes e Alan Henning. O assassinato foi praticado diante das câmeras, como “propaganda do medo”. A violência e a audácia veiculadas por vídeos de grande apelo emocional no mundo islâmico representam, para as massas muçulmanas, armas de convencimento e conquista de mentes e corações, “muito mais poderosa do que as pregações religiosas, algo que a Al-Qaeda não conseguiu entender”, diz Loretta Napoleoni, presidente do grupo que trabalha com a questão do financiamento de ações terroristas no Clube de Madrid,²⁰ Nesse sentido, o Estado Islâmico utiliza-se de todo o significado religioso e prático de *jihad*, conforme esta forma de luta é tratada nos ensinamentos corânicos. O termo árabe *jihad* é, com frequência, traduzido por “guerra santa”, conceito criado na Europa por ocasião das Cruzadas. De fato, *jihad* significa “esforço, empenho, luta” e, nesse sentido, “luta pela causa de Deus”, “esforço para disseminar a mensagem do Profeta e glorificar a divindade”. São duas formas de *jihad*: a primeira, chamada *jihad maior*, é de cunho espiritual e tem como conteúdo o necessário esforço cotidiano do muçulmano contra as tentações do mundo; a segunda, *jihad menor*, se desdobra em dois tipos: *ofensiva*, ou seja, busca a expansão do Islã, o avanço na direção do chamado domínio da guerra – *dar al-harb*, constituídos pelos territórios e populações fora da “Casa do Islã” – *dar al-Islam*; a *jihad defensiva*, conforme o Alcorão, nomeia a luta para proteger o Islã de seus inimigos por meio do apelo ao “coração, à palavra, com as mãos e com a espada”. Os muçulmanos radicais concebem a *jihad* simplesmente como forma de luta armada, assim procedendo com base no que ordena o Corão, *Sura 2*, versículos 190/191 “*Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem. Contudo, não vos excedais. Deus não ama o que excedem. Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos infiéis*”. O *jihadista* que morre em luta por Alá receberá grandes bênçãos e recompensas de uma vida eterna de prazeres e alegrias. Essa promessa, que passou a ser divulgada com maior intensidade a partir do século X, constitui para o muçulmano um incentivo para se juntar às forças *jihadistas* dos grupos terroristas. Uma passagem do Alcorão é muito citada em apoio ao futuro mártir do Islã: “*Certamente, para os justos, haverá um cumprimento dos desejos do coração com jardins circundados por vinhas e mulheres voluptuosas da mesma idade*”. Alcorão, 78: 31-33). O Alcorão, entretanto, não diz quantas virgens (*houris*) serão entregues ao *jihadista* morto. Foi a doutrina dos eruditos mulçumanos que, em interpretação extensiva dessa *Sura*, fixou o número de setenta e duas as virgens, que os muçulmanos mortos em combate pela fé receberão no paraíso.

²⁰ Entidade composta por 89 ex-presidentes e 58 ex-primeiros-ministros de 58 países, entre eles Fernando Henrique Cardoso, e que tem entre suas finalidades promover mudanças na comunidade internacional e desenvolver estudos sobre segurança internacional. Ver, da autora, *A Fênix Islamista – O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio*. Tradução de Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, pp. 19/21.

A surpreendente força da pregação do Estado Islâmico e a sedução à aventura guerreira, por outro lado, vem atraindo uma verdadeira legião estrangeira, composta não somente por *jihadistas* oriundos de vários Estados muçumanos como também de jovens ocidentais, não somente filhos e netos de imigrantes muçumanos residentes nos Estados Unidos, França, Alemanha, Reino Unido, Austrália e em outros países que têm comunidades muçulmanas. Há registro de brasileiro nas fileiras do exército do Califado, o jovem Brian Rodrigues, que passou a se chamar Abu Qassem Brazili, conforme foi informado às autoridades brasileiras pela própria mãe do agora *jihadista*. O exército do Estado Islâmico foi formado pela união das forças fundamentalista que lutavam contra o governo do Iraque, contra os curdos ao norte e os xiitas ao sul. Ao grupo inicial se juntaram os radicais que combatem o governo sírio e a legião de voluntários oriundos dos países islâmicos e do Ocidente. Foi o envolvimento na Síria que propiciou a ampliação do poder do Estado Islâmico. Contando, segundo informa a imprensa internacional, com efetivo aproximado de 30 mil combatentes, com tanques, veículos militares, mísseis e outros armamentos pesados de fabricação norte-americana, equipamentos abandonados pelo exército iraquiano em debandadas vergonhosas, após as ofensivas do Califado, e contando ainda com grandes recursos financeiros oriundos da venda de, aproximadamente, 2 milhões de barris diários de petróleo, negociados por meio de contrabando, abaixo do preço de mercado, cerca de 30 dólares o barril. Este óleo é extraído dos campos petrolíferos do norte do Iraque e do maior complexo petrolífero da Síria, na cidade de *Dei es-Zour*, instalações que, juntamente com a central de gás síria de *Shar*, estão sob controle do Califado, cuja capital de fato é *Raqqa*, importante cidade do centro-norte da Síria, às margens do rio Eufrates. Demonstrando que pretende consolidar seu Estado, al-Baghdadi organiza a burocracia do Califado. Um sistema de cobrança de impostos nas áreas sob seu domínio já está em funcionamento. Tudo isso, aliado à debilidade das forças que combatem o Estado Islâmico em terra – apenas os *peshmergas*, as forças curdas, oferecem, de fato, resistência aos *jihadistas* do Estado Islâmico. Porém, embora corajosos e treinados em lutas contra o regime de Saddam Hussein, os curdos não contam com armamentos adequados e suficientes para oferecer real resistência às ofensivas do Estado Islâmico, que hoje ocupa um território, segundo o *Washington Post*, com base em informações do Centro Nacional de Contraterrorismo dos Estados Unidos, equivalente à Grã-Bretanha, ou seja, mais ou menos cerca de 210 mil quilômetros quadrados. Esta situação é, de fato, inusitada. Nenhum grupo terrorista islâmico, ao longo da história, conseguiu tamanho êxito. A violência do Estado Islâmico está longe de ser uma questão de loucura. Trata-se de cálculo estratégico, opção tática. O fracasso das ofensivas do exército iraquiano contra o Estado Islâmico é consequência, em boa parte, como já foi anteriormente mencionado, da difusão da “propaganda do medo” do pavor incutido pelas mensagens televisivas, pela exibição dos vídeos de degola de prisioneiros e execuções em massa, como massacre contra os *yazidis*, grupo de etnia curda, que pratica uma religião que, ao contrário do

divulgado pela imprensa, não pode ser considerado cristão, pois sua fé conforma um antigo sincretismo que reúne zoroastrismo e práticas de outras religiões. Os *yazidis* têm história secular de resistência ao Islã. Centenas de homens dessa etnia foram mortos e considerável número de mulheres foram aprisionadas para serem vendidas como escravas ou entregues aos combatentes do Califado. Por outro lado, a fúria do Estado Islâmico se volta também contra os cristãos do norte do Iraque. Em 2003, havia mais de um milhão de cristãos no Iraque. Hoje, restam menos de 350 mil, o restante se deslocou do país para Estados vizinhos. Deve-se notar, que os cristãos do Iraque, ao tempo de Saddam, Hussein tinham plena liberdade religiosa. Seu Ministro do Exterior era um cristão, Tarek Azis. A ampla publicidade da violência perpetrada pelo Estado Islâmico passa ao inimigo o pavor e aos simpatizantes uma imagem de invencibilidade. Vale registrar também que os Estados Islâmicos, inclusive o Irã, demonstram forte preocupação com os sucessos do Estado Islâmico, pelo potencial revolucionário e pela audácia do mesmo. Este temor está construindo alterações no quadro estratégico do Oriente Médio. A Arábia Saudita e os outros Estados sunitas estão, de certa forma, informalmente alinhados com o Irã na luta contra o Estado Islâmico, situação que se estende aos Estados Unidos à União Europeia. O Hezbollah, aliado do Irã, anunciou esta semana que está se preparando para entrar na guerra contra o Estado Islâmico com o objetivo de impedir seu avanço na direção do Líbano. Com relação à resistência curda, que poderia ser mais eficiente se pudesse contar com melhor armamento, a coalizão que combate o Estado Islâmico, capitaneada pelos Estados Unidos, certamente encontra dificuldade para armar melhor os *peshmergas*, em razão de possível oposição da Turquia, que jamais aceitaria um exército curdo poderoso.

No rol dos crimes e da barbárie do Estado Islâmico incluem-se os atentados e a correspondente destruição de patrimônio da humanidade, em ação semelhantes ao que fizeram os Talibás, em 2001, quando implodiram os Budas de Bamiyan, alegando motivos religiosos, ou seja, para eles as enormes estátuas de Buda representavam falsos símbolos e, como tal, inaceitáveis e ofensivos aos princípios de seu sunismo radical. Da mesma forma, em 2013, militantes muçulmanos do Mali incendiaram bibliotecas onde eram guardados manuscritos históricos. Em exibição de pragmatismo, al-Baghdadi está destruindo sítios históricos no Iraque e na Síria, porém, vendendo objetos assírios milenários do museu histórico de Mossul. Incendiaram uma biblioteca com 8 mil manuscritos e estão destruindo, com tratores, as ruínas de Hatra, cidade milenar, cujas fortificações resistiram a ataques de legiões romanas. As Nações Unidas e os principais governos ocidentais proibiram todo o comércio de objetos históricos oriundos da Síria e do Iraque, em tentativa de impedir que al-Baghdadi consiga mais recursos para financiar sua empresa terrorista.

Concluindo, pode-se dizer que a ousadia, o ódio que faz questão de manifestar, a posse de uma extensa base territorial e os recursos militares de que dispõe, colocam o autodenominado Estado Islâmico, tanto ou mais quanto a Al-Qaeda em seus dias de maior ação, como uma grande ameaça ao Ocidente e

